

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**JULYANA OLIVEIRA DE ARAUJO
MARCELLA DA GLÓRIA GAMA
PAULA BASTOS SILVA PEREIRA**

AUTOMEDICAÇÃO: A VISÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

**VOLTA REDONDA, RJ
2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

AUTOMEDICAÇÃO: A VISÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

Trabalho de conclusão de curso ao Curso de Enfermagem do UniFOA como requisito à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Alunas: Julyana de Oliveira Araujo.

Marcella da Glória Gama.

Paula Bastos Silva Pereira.

Orientadora: Prof.^a Msc. Ana Lúcia Torres
Devezas Souza.

Coorientadora: Prof^o. Msc. Clarissa Ferreira
Pontual de Oliveira

**VOLTA REDONDA, RJ
2020**

FOLHA DE APROVAÇÃO

JULYANA OLIVEIRA DE ARAUJO
MARCELLA DA GLÓRIA GAMA
PAULA BASTOS SILVA PEREIRA

AUTOMEDICAÇÃO: A VISÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Lucrécia Helena Loureiro

Prof. Dr. Júlio César de Almeida Nobre

**VOLTA REDONDA
2020**

Dedicamos esta pesquisa aos
nossos pais, pois são os pilares da nossa
formação enquanto seres humanos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por Ele sempre iluminar nosso caminho, e fazer com que todas os empecilhos fossem superados.

A professora e nossa orientadora Ana Lúcia Torres Devezas Souza, pela total disponibilidade em somar com as nossas ideias e esclarecer dúvidas pertinentes.

Aos demais professores e a coordenação do curso de Enfermagem, pela busca contínua de transpassar ensinamentos atuais e com qualidade.

Aos nossos familiares, por nos ajudarem a adentrar ao meio acadêmico. E aos nossos amigos, por compreenderem todos os anseios e proporcionarem momentos de descontração.

RESUMO

O presente estudo tem como objeto de estudo o discurso dos acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação, termo que compreende o uso de medicamentos sem prescrição médica. Objetivo geral: Descrever a utilização da automedicação por acadêmicos de enfermagem de um Centro Universitário de Volta Redonda. Objetivos específicos: Analisar o discurso de acadêmicos de enfermagem quanto a automedicação; Identificar se acadêmicos de enfermagem que já trabalham na área da saúde praticam automedicação; Apontar qual a classe de medicamentos mais utilizada por acadêmicos de enfermagem. Metodologia: estudo descritivo que utiliza a abordagem quanti-qualitativa. Foi aplicado um questionário em 90 estudantes de enfermagem em um Centro Universitário privado no município de Volta Redonda. Resultados: 86,67% dos entrevistados se automedicam; 55,56% dos estudantes de enfermagem já trabalham na área da saúde, sendo que 90% deles utilizam fármacos sem prescrição médica; o medicamento analgésico (71,9%) é o mais utilizado entre os acadêmicos. Conclusão: a automedicação é presente entre os estudantes de enfermagem, sendo que no geral destaca-se para os que já trabalham na área da saúde e a utilização do analgésico como o medicamento mais autoconsumido. É axiomático que os estudantes de enfermagem de fato entendam o papel social que assumirá enquanto enfermeiro, sendo ele preciso e resolutivo em relação a um problema de saúde pública, e no que concerne a automedicação, não é coerente um profissional antagonista desenvolver estratégias de educação em saúde, além de se responsabilizar na administração de medicamentos enquanto assistencial.

Palavras-chave: Automedicação; Estudantes de enfermagem; Uso de medicamentos.

ABSTRACT

The present study has as object of study the discourse of nursing students about self medication, a term that includes the use of medicines without medical prescription. General objective: Describe the use of self-medication by nursing students at a University Center of Volta Redonda. Specific objectives: To analyze the speech of nursing students regarding self medication; To identify whether nursing students who already work in the health area practice self medication and to point out which drug class is most used by nursing students. Methodology: a descriptive study that uses quantitative and qualitative approach. A questionnaire was applied to 90 nursing students at a private University Center in the municipality of Volta Redonda. Results: 86.67% of the interviewees self medicate themselves; 55.56% of nursing students already work in the health area, of which 90% use drugs without a medical prescription; the analgesic drug (71.9%) is the most used among academics. Conclusion: self medication is present among nursing students and, in general, it stands out among those who already work in the health area and the use of analgesics is the most self-consumed drug. It is axiomatic that nursing students, in fact, understand the social role they will assume as a nurse, being it precise and resolute concerning a public health problem.

Keywords: Self Medication; Students, Nursing; Drug Utilization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	12
	2.1 Automedicação	12
	2.2 Uso indiscriminado de medicamentos entre acadêmicos de enfermagem	13
3	METODOLOGIA	14
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
5	CONCLUSÃO	21
6	REFERÊNCIAS	22

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1.....	26
-----------------	----

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	27
Anexo 2	28
Anexo 3	29

1. INTRODUÇÃO

Este estudo trata do discurso dos acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação. A partir do estudo da disciplina de farmacologia, foi abordada a temática automedicação e surgiu o interesse em conhecer a percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre o assunto.

A automedicação é a seleção e uso de medicamentos para tratar manifestações de doenças autorreferidas sem o aconselhamento do profissional de saúde qualificado (DOMINGUES et al. 2017). Segundo o Ministério da Saúde (2015), as causas que levam a esta prática indevida são multifatoriais, e abrangem a variedade farmacêutica e sua comercialização de fácil acesso, a cultura, a comodidade e a influência das informações disponíveis em propagandas e redes sociais.

Nota-se que a febre, a cefaleia, a congestão nasal e a mialgia são uns dos principais sintomas que a população pretexta quanto a automedicação. Esta imprudência pode ocasionar danos à saúde, como reações alérgicas, interação medicamentosa, resistência bacteriana ou até mesmo dependência química.

O autoconsumo de medicamentos têm aumentado em todo o mundo, inclusive no Brasil, e pode ser danosa à saúde (OLIVEIRA et al., 2012). Ao se automedicar, o indivíduo está protelando o atendimento clínico, sem visar que posteriormente pode acabar precisando de ajuda, visto que os fármacos sem prescrição médica apesar de atenuar os sintomas de forma rápida, podem estar encobrendo doenças que exigem tratamento especializado.

O exercício do enfermeiro envolve a arte e a ciência do cuidado, e pode ser considerado um importante educador em saúde. Nesta perspectiva, ele é capaz de reconhecer o déficit da população quanto ao uso racional de medicamentos, e baseado em evidências, utilizar a Teoria do Déficit do Autocuidado de Orem para ensinar e orientar, com o propósito de promover a manutenção da saúde e do bem-estar deste público que erroneamente associa a autoprescrição com o autocuidado (SANTOS; RAMOS; FONSECA, 2017).

Não obstante, observa-se o uso crescente de medicamentos sem receita médica entre os acadêmicos de enfermagem, desvelando o descuido de si. No estudo realizado pelos autores, Santos et al. (2012) demonstraram que 88% dos

estudantes de enfermagem de três faculdades em João Pessoa, recorreram a automedicação, mesmo havendo consciência dos riscos. E, indicam medicamentos em seu convívio social, principalmente os estudantes já inseridos no ambiente hospitalar.

Além da vivência na área da saúde, Chaves et al. (2017) relatam que o acadêmico subsidia em conhecimentos adquiridos durante a graduação, se aproximando dos medicamentos comumente utilizados nos locais de trabalho. Em um centro universitário em Minas Gerais, de 564 alunos de enfermagem entrevistados, 82,4% afirmaram realizar essa prática e 78,18% sentem-se seguros (HOFFAMAN et al. 2017).

Esta segurança, acentua-se após a formação acadêmica, já que uma vez inserido no campo de atuação, o enfermeiro possui fácil acesso aos medicamentos, além do ganho de experiência e convivência com outros profissionais de saúde, especialmente o médico.

Um estudo que busca conhecer a visão de acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação, torna-se relevante. Poderíamos abordar nesse estudo um discurso de profissionais da saúde sobre a automedicação, poderíamos ainda destacar o discurso de docentes e discentes de enfermagem acerca do uso/abuso de medicações; entretanto, optou-se por analisar o discurso de acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação.

Surge assim, como questões norteadoras da pesquisa: Qual o discurso de acadêmicos de enfermagem quanto a automedicação?; Os acadêmicos de enfermagem pesquisados trabalham na área da saúde?; Qual a classe de medicamentos mais utilizada por acadêmicos de enfermagem?

Para responder esses questionamentos, traçamos como objetivos do estudo: Analisar o discurso de acadêmicos de enfermagem quanto a automedicação; Identificar se os acadêmicos de enfermagem que já trabalham na área da saúde praticam a automedicação; Apontar qual a classe de medicamentos mais utilizada por acadêmicos de enfermagem.

Espera-se com este estudo contribuir, fornecendo informações a comunidade acadêmica quanto o uso/abuso de medicações por acadêmicos; despertar uma reflexão crítica junto aos docentes de enfermagem quanto à necessidade de criar estratégias de sensibilizar discentes quanto aos riscos da automedicação. Além de secundar na construção do conhecimento na área da saúde.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Automedicação

Analisando o conceito de automedicação, o Ministério da Saúde (2019), entende que o seu uso excessivo, indevido ou sub uso, além dos riscos para a saúde, resulta em desperdícios financeiros. Nos últimos anos, R\$ 60 bilhões foram gastos pelo Sistema Único de Saúde decorrente a prática insegura (Ministério da Educação, 2018).

O uso excessivo pode resultar em intoxicação, ou na evolução das doenças que tiveram seus sinais e sintomas atenuados, precipuamente por analgésicos e anti-inflamatórios, que são as classes mais vendidas sem prescrição médica em farmácias ou drogarias, e por conseguinte autoconsumidas.

De acordo com o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (2010), o mercado farmacêutico crescerá em 30% até 2020, e o Brasil passará para o 5º lugar no ranking de país que mais gasta com medicamentos. Ressalta-se, que em 2017, as vendas a varejo dos fármacos sem receituário tiveram 82,2% de crescimento.

Neste aspecto, a ascensão do mercado farmacêutico e sua fácil comercialização, podem tangenciar para o aumento da prática insegura entre os brasileiros, levando em consideração a condição de subdesenvolvido do país, onde a população não possui acesso a saúde, a educação e a economia em consonância.

Conforme Araújo et al. (2015), a disponibilidade farmacêutica soma com a reutilização de antigas prescrições, a modificação do uso de um fármaco, além do uso de plantas medicinais e remédios caseiros sem o acompanhamento de um profissional habilitado.

É também indubitável a influência das propagandas comerciais, como em televisão, jornal e redes sociais, no entanto, as pessoas não têm a mesma proporção na divulgação sobre a segurança dos fármacos e suas reações adversas, levando em consideração que a resposta do organismo a droga é individual.

Em um estudo da Fundação Oswaldo Cruz (2014), há dois tipos de públicos no Brasil: um com baixo poder socioeconômico, que enfrenta precariedade nos serviços de saúde. E, outro grupo que possui privilégio, tanto financeiro quanto educacional, mas, mesmo assim recorrem a automedicação por herança cultural.

Desta forma, acrescenta-se também a indicação dos balconistas em farmácia para ganho de comissão, além de amigos e familiares, que em algum momento trataram uma patologia e passaram a considerar no senso comum o medicamento prescrito, eficaz para qualquer indivíduo que esteja apresentando sintomas similares.

Evidencia-se que devido a essa falta de conhecimento e de visão crítica, dependendo da doença pré-existente pode acabar agravando o quadro clínico presente, como por exemplo, tomar AAS em caso de dengue ainda não diagnosticado (INSTITUTO DE TECNOLOGIA EM IMUNOBIOLOGICOS BIOMANGUINHOS, 2019).

2.2. Uso indiscriminado de medicamentos entre acadêmicos de enfermagem

É notória a falta de publicações acerca do uso irracional de medicamentos no cenário brasileiro. Os estudos existentes em relação aos acadêmicos de enfermagem, abordam a necessidade da autorreflexão perante os resultados, uma vez que eles questionem sua prática levando em consideração a persuasão que obterá quando formado.

Segundo Alessandrini, Paim e Lunelli (2020), maior parte dos estudantes de enfermagem alegam já ter usado o fármaco outras vezes e possuir conhecimento devido a academia. E, 63% dos enfermeiros consideram seu aprendizado durante a graduação como um fator para o consumo irracional de fármacos (DUARTE; DIAS; ESPÍNDULA, 2011).

Pode-se considerar que o uso de medicamentos entre os estudantes de enfermagem influencia posteriormente, pois o vínculo profissional-usuário demanda do enfermeiro a responsabilidade de transpassar segurança, confiança e conhecimento, visto que ele também atua na orientação de receita médica aos clientes e seus respectivos familiares.

No estado de São Paulo, um questionário foi aplicado para 367 estudantes de enfermagem de uma universidade privada, tendo a prevalência de 92,2% da automedicação, sendo que 94,4% responderam que reconhecem os riscos que podem emergir (BOHOMOL; ANDRADE, 2020).

Maiormente dos acadêmicos estão inseridos no mercado de trabalho a fim de custear os gastos da graduação, além de contribuir no âmbito familiar. Em vista da carga horária, a ida ao consultório médico pode ser tardada, aumentando as chances de se automedicar.

De acordo com Ribeiro, Oliveira e Spolidoro (2018) os analgésicos e os anti-inflamatórios são as classes mais utilizadas por estudantes de enfermagem, coincidindo com os achados dos profissionais já atuantes, alertando para o crescente uso de remédios para controle de estresse e ansiedade.

Sabe-se que as reações adversas dos anti-inflamatórios e analgésicos são menores comparadas as outras classes, entretanto, podem provocar consequências a longo prazo para o acadêmico de enfermagem, tendo em vista a sua atuação enquanto profissional, em que pode continuar e aumentar a posologia utilizada.

Quanto ao convívio social, em um estudo no município de João Pessoa, 91% dos acadêmicos de enfermagem admitiram indicar medicamentos para pessoas próximas, em contrapartida, 99% reconhecem a importância da existência de discussões sobre a automedicação durante a graduação, visando os danos ocasionados (ALVES et al., 2019).

3. METODOLOGIA

Este estudo tem caráter descritivo que utiliza uma abordagem quanti-qualitativa para compreender o discurso de acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação.

A abordagem quanti-qualitativa foi discutida inicialmente no século XIX, no entanto, Souza e Kerbauy (2017) esclarecem que apesar da literatura brasileira carecer de publicações aprofundadas, atualmente, as pesquisas que utilizam a objetividade e o subjetivo como complementos apresentam resultados de grande valia.

Esta pesquisa foi realizada em um Centro Universitário privado, no município de Volta Redonda (RJ). Neste ambiente observamos discentes de enfermagem usando medicamentos sem prescrição médica. Elencou-se como sujeitos do estudo os discentes do curso de graduação em enfermagem.

Como critérios de inclusão: acadêmicos de enfermagem maiores de 18 anos que cursam a graduação do 3º ao 5º ano. E como critérios de exclusão: acadêmicos

de enfermagem maiores de 18 anos que cursam o 1º e 2º ano, visto que ainda não concluíram a disciplina de Farmacologia Básica.

Foi utilizado um questionário semi-estruturado com 06 perguntas, sendo 04 fechadas e 02 semi-abertas aos acadêmicos de enfermagem matriculados no local do estudo (Apêndice 1). As questões foram formuladas conforme as respostas buscadas pelos pesquisadores, tendo a ciência de que o excesso de perguntas poderia desestimular a participação do entrevistado (CHAER, 2011).

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados para participar aleatoriamente, com um sorteio de trinta sujeitos de cada ano, do 3º, 4º e 5º ano, que frequentam o cenário escolhido. Logo após o sorteio, as pesquisadoras agendaram o dia e o horário conforme a disponibilidade dos participantes para a aplicação do questionário.

O projeto dessa Pesquisa foi enviado ao Comitê de Ética para cumprir as normas relativas à Pesquisa com Seres Humanos, conforme preconiza o item IV da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. E, foi aprovado sem restrição pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário de Volta Redonda, sob o número 79258, CAAE: 24363319.8.0000.5237.

A coleta de dados ocorreu de fevereiro a maio de 2020, sendo o questionário aplicado somente aos 90 participantes que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. E após os esclarecimentos gerais, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 3).

Após a coleta, os questionários foram identificados de Q1 a Q90, e foi utilizado o *Microsoft Excel 2010* para a transcrição e organização da análise de dados, apresentando os resultados em forma de gráficos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 90 questionários coletados, todos foram analisados, sendo colhidos 30 amostras de cada ano, respectivamente, do 3º, 4º e 5º ano. Foi identificado que os acadêmicos de enfermagem quanto ao sexo têm a prevalência de 87,78% do sexo feminino e 12,22% do sexo masculino.

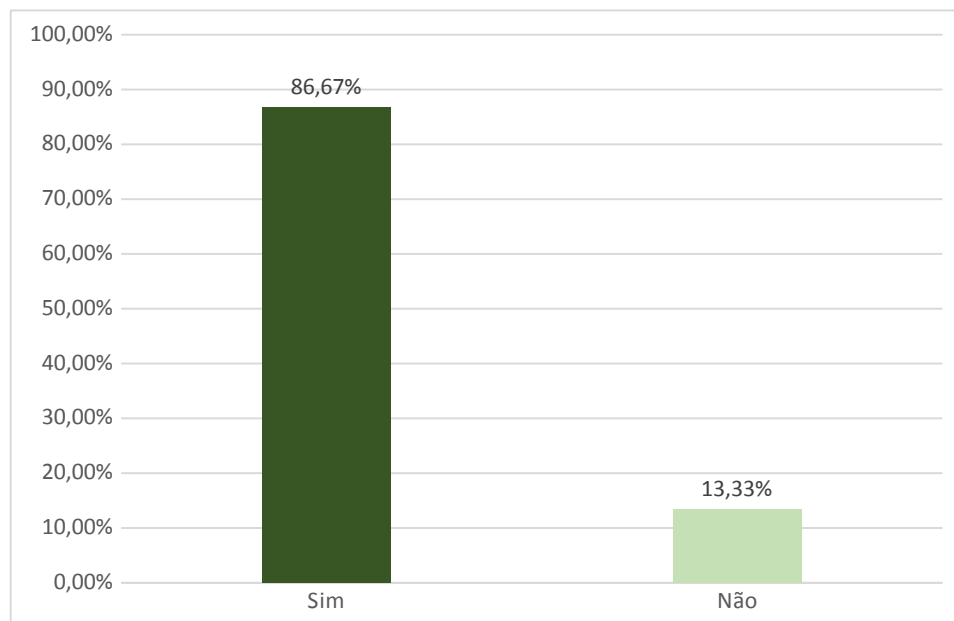
Em relação ao gênero, a maior parte dos entrevistados são do sexo feminino, e é explicado pelo contexto histórico da enfermagem ser representado mormente por mulheres. Socialmente, este público procura com mais frequência o atendimento

médico e as campanhas realizadas pela atenção primária (JÚNIOR; FILHO; AZEVEDO, 2013).

Entretanto, no contexto socioeconômico, nota-se que as pessoas com menores rendas e moradoras de periferia, encontram maiores dificuldades para agendar e comparecer a uma consulta, devido ao horário de trabalho, funcionamento do serviço de saúde e da falta de recursos.

No quesito automedicação, constatou que 86,67% dos entrevistados utilizam medicamentos sem prescrição médica, e 13,33% afirmam não se automedicar, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição percentual da prática da automedicação entre os acadêmicos de enfermagem. Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil – 2020



Fonte: As autoras, 2020

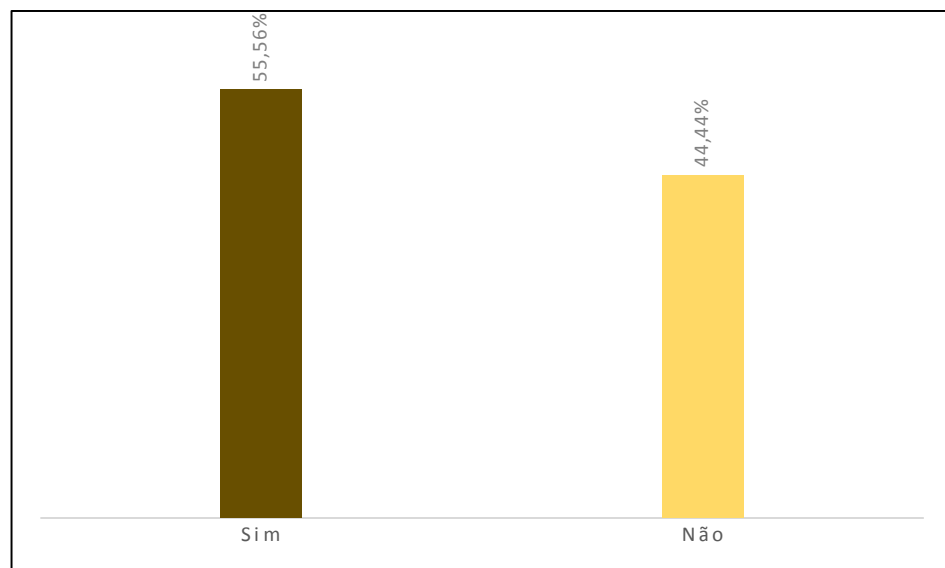
O uso indevido de medicamentos é presente entre os acadêmicos de enfermagem do 3º, 4º e 5º anos, onde através do consumo assumem os próprios riscos. O alto índice de automedicação identificado se aproxima de estudos realizados na Nigéria e na Índia, respectivamente, 76,8% e 88,24% de prevalência (EHIGIATOR et al., 2013; GOEL; GUPTA, 2013).

Percebe-se, que além dos entrevistados apresentarem altos índices de automedicação, 63,33% se sentem seguros com a prática e 23,33% não se sentem

seguros. Já ao quantitativo que afirmam não se automedicar, 13,33% justificam não se sentirem seguros.

Dos entrevistados, 55,56% trabalham na área da saúde, enquanto 44,44% relatam não trabalhar (gráfico 2). Nesta ótica, observa-se que 90% dos acadêmicos de enfermagem que trabalham na área da saúde fazem uso de fármacos sem prescrição médica e os outros 10% não fazem (gráfico 3).

Gráfico 2 – Distribuição percentual dos acadêmicos de enfermagem que trabalham na área da saúde. Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil – 2020

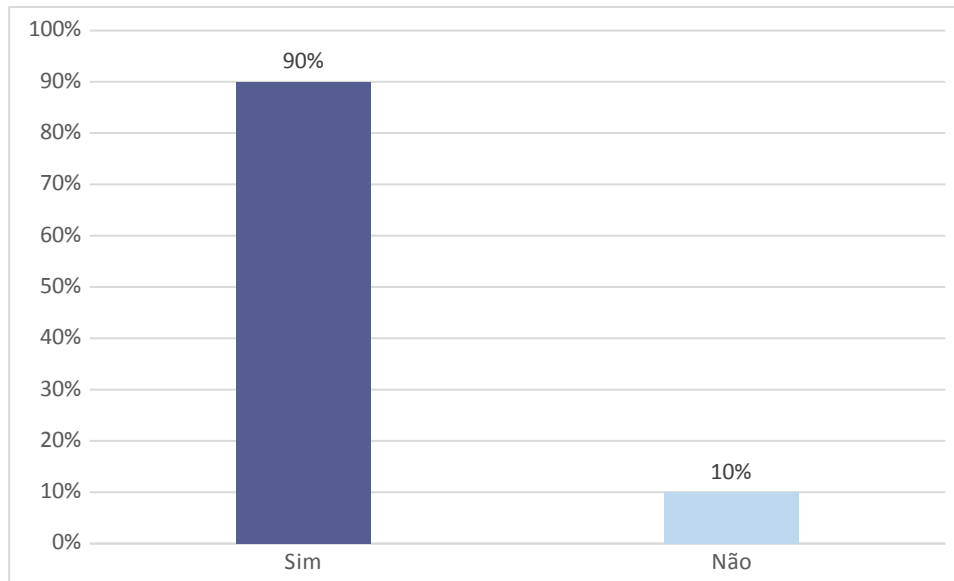


Fonte: As autoras, 2020

O presente estudo buscou analisar se os estudantes de enfermagem já trabalhavam na área da saúde, uma vez que os fármacos se tornam mais acessíveis. Além disto, tornou-se preocupante o índice do autoconsumo de medicamentos sem receita médica pelos trabalhadores.

Para Galvan, Pai e Guanilo (2016), a suscetibilidade laboral é observada de forma multifatorial, como: riscos biológicos, ergonômicos e psicossociais, favorecendo para a manifestação e desenvolvimento de doenças comparado ao grupo que não trabalha na área da saúde.

Gráfico 3 – Distribuição percentual dos acadêmicos de enfermagem que trabalham na área da saúde e afirmam realizar a automedicação. Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil – 2020



Fonte: As autoras, 2020

Ao decorrer da atuação na área da saúde, o indivíduo vai ganhando confiança ao consumir medicamentos sem receita médica, podendo ser denominado como um autocuidado ilusório. Certamente, por ter aproximação no dia a dia e ver sendo prescrito aos clientes, os estudantes de enfermagem que trabalham neste âmbito, vão considerando as medicações seguras e simples. No entanto, ao tomá-las sem orientação e conhecimento específico, podem ocorrer consequências não desejadas, comprometendo sua saúde e seu exercício profissional.

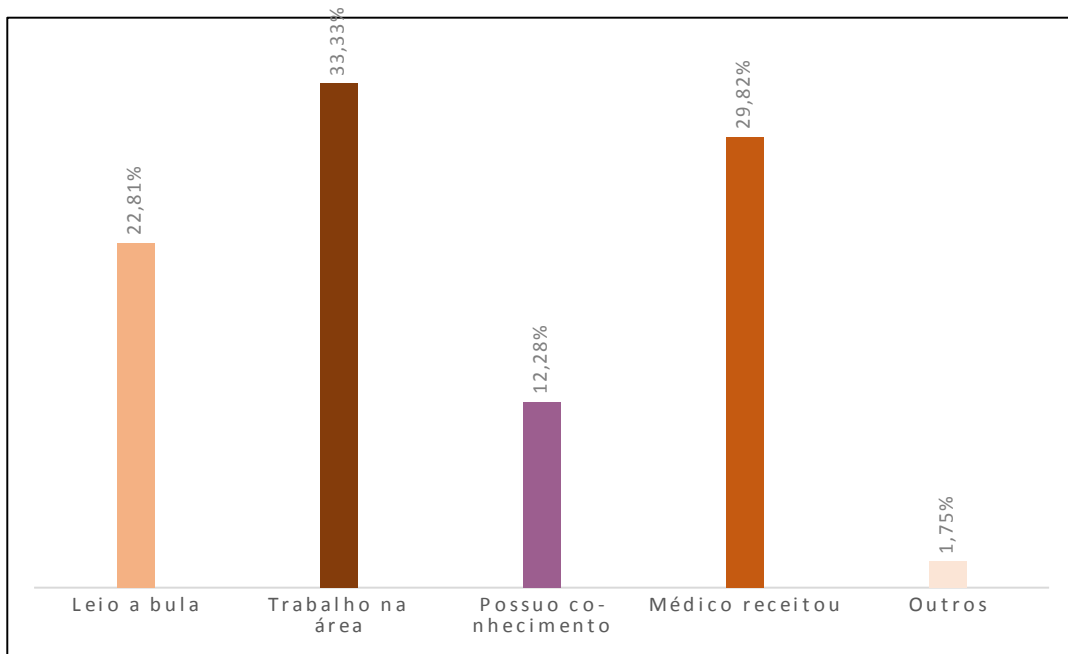
No que concerne à segurança, em geral, os entrevistados se sentem seguros ao se automedicar, o que desperta mais atenção, pois este adjetivo faz com que a pessoa por conta própria, aumente a posologia quando julgar necessário. De acordo com Guidoreni, Bittencourt e Pires (2015) a baixa ocorrência de reações adversas pelos medicamentos mais utilizados também pode contribuir para o estudante de enfermagem se sentir seguro.

Dentre os 57 (63,33%) estudantes de enfermagem que se sentem seguros ao consumir medicamentos sem receita médica, 33,33% justificam a segurança por trabalharem na área da saúde, 29,82% revelam que o médico já receitou outras vezes, 22,81% declaram ler a bula, 12,28% se baseiam nos conhecimentos adquiridos durante a graduação e 1,75% outros (gráfico 4).

A alternativa outros é externada por um sujeito:

“Considero as drogas que uso comuns ao uso da população brasileira e são vendidas sem receita médica.” (Q 50)

Gráfico 4 – Distribuição percentual da justificativa dos acadêmicos de enfermagem que se sentem seguros quanto a automedicação. Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil – 2020



Fonte: As autoras, 2020

Ao justificarem a seguridade da prática indevida, ressalta-se que o receituário médico não deve ser reutilizado em outras ocasiões, apesar dos sintomas serem parecidos, não significa que seja o mesmo quadro clínico, podendo mascarar uma patologia que deve ser diagnosticada e tratada devidamente por um profissional.

Enquanto a leitura da bula, no estado do Amazonas, Gama e Secoli (2017) demonstram que foi um fator evidenciado entre os estudantes de enfermagem, e é inquestionável a relevância das informações contidas. Contudo, os dados são incompletos e não há detalhamento dos riscos, principalmente da possibilidade de intoxicação e de interação medicamentosa com alimentos, produtos naturais e fármacos. Destaca-se também os termos técnicos empregados, que nem sempre são de fácil entendimento.

Durante a graduação, o estudo da farmacologia proporciona o conhecimento da interação fármaco e corpo humano, uso, possíveis reações adversas e posologia dos medicamentos mais encontrados nos serviços de saúde. E, conforme vai

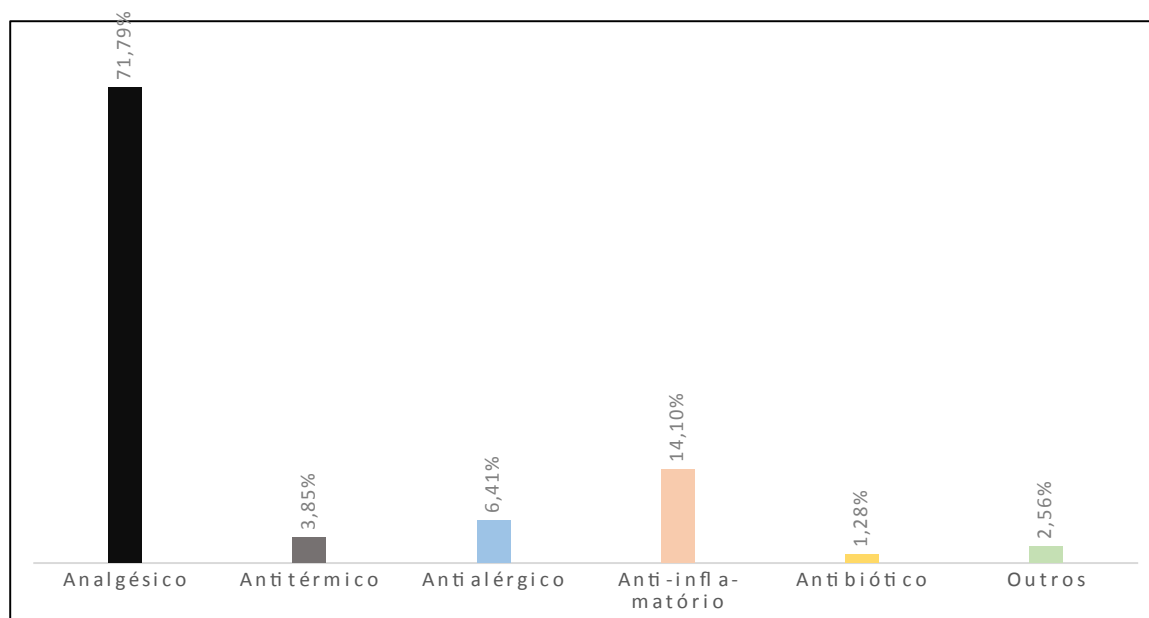
avançando os períodos, os estudantes se tornam mais confiantes e propícios a se automedicar, podendo indicar no seu ciclo social.

Observa-se também, que existe uma carência dos docentes do curso de enfermagem ao abordarem as questões éticas, considerando a prática da automedicação, visto que se contrapõe ao uso racional de medicamentos e a atuação do enfermeiro em seu exercício (SILVA; RODRIGUES, 2014).

Nota-se que a classe farmacológica com maior índice de autoconsumo é o analgésico (71,79%), seguido por anti-inflamatório (14,10%), antialérgico (6,41%), antitérmico (3,85%), outros (2,56%) e antibiótico (1,28%), sendo descritos no gráfico 5. Dois entrevistados declaram na assertiva outros que fazem o uso indevido de outra classe de medicamento:

“Ansiolítico” (Q 25, Q 70).

Gráfico 5 – Distribuição percentual das classes farmacológicas utilizadas pelos estudantes de enfermagem sem prescrição médica. Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil – 2020



Fonte: As autoras, 2020

Em 2013, na Índia, a classe farmacológica mais autoconsumida pelos estudantes de enfermagem foram os antipiréticos (KUMAR, 2013). Em contrapartida, ao analisar o discurso dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, constatou que os grupos de fármacos mais utilizados foram os analgésicos seguidos de anti-

inflamatórios. O quantitativo de uso indiscriminado de analgésico se aproxima do encontrado pelo Santos e Pereira (2019) no Distrito Federal, Brasília.

Desta forma, uma pessoa que começa a ingerir estas classes desde a graduação, está mais passível ao realizá-la durante toda carreira profissional e pode comprometer a qualidade de vida ao envelhecer. Durante a coleta de dados, apenas dois sujeitos relataram o uso de ansiolítico, no entanto, é necessária uma atenção, pois como cada participante marcou apenas uma opção na classe mais consumida, possa ser que no cotidiano haja a ingestão simultâneas de dois ou mais fármacos.

A partir da análise do discurso de acadêmicos de enfermagem, pondera-se a contradição com a responsabilidade desenvolvida pelo enfermeiro inserido nas instituições de saúde. Saliencia-se, segundo Borges (2010), que enquanto enfermeiro, umas das oportunidades em que o profissional pode reconhecer um indivíduo que possa estar consumindo fármacos sem prescrição médica, é através da consulta de enfermagem, disposta na Lei 7.498/86, onde abrange a coleta de dados, história clínica e regime terapêutico do cliente.

Por conseguinte, o enfermeiro é apto e responsável pela gestão, preparação e administração da medicação, estabelecendo uma conexão direta com o cliente e seus familiares. É também de sua competência, ensinar, informar e explicar os riscos da automedicação, adotando estratégias com base na educação em saúde.

5. CONCLUSÃO

No presente estudo foi possível concluir que a automedicação se tornou usual entre os acadêmicos de enfermagem de um Centro Universitário privado no município de Volta Redonda. Deste modo, os objetivos da pesquisa foram atingidos, visto que, já se esperava a alta prevalência da tal prática, sobretudo, dos que já trabalham na área da saúde.

Destarte, apesar dos resultados se aproximarem de outros achados, é preocupante, uma vez que indivíduos inseridos no ensino superior, singularmente na área da saúde, secundam para o alargamento deste autoconsumo irresponsável e inseguro. Dentre os medicamentos que preponderam esse ato, observa-se o uso de analgésicos e anti-inflamatórios, não se distanciando do hábito das demais pessoas que não estão no âmbito acadêmico.

É axiomático que os estudantes de enfermagem de fato entendam o papel social que assumirá enquanto enfermeiro, sendo ele preciso e resolutivo em relação

a um problema de saúde pública, e no que concerne a automedicação, não é coerente um profissional antagonista desenvolver estratégias de educação em saúde, além de se responsabilizar na administração de medicamentos enquanto assistencial.

Portanto, cabe ao acadêmico de enfermagem refletir qual imagem profissional está construindo, e se vai de encontro aos pilares da profissão. Bem como, durante a graduação, há necessidade de discutir sobre o uso racional de medicamentos durante as disciplinas, principalmente a de farmacologia, que possibilita esclarecer sobre as reações adversas e os riscos assumidos de curto á longo prazos.

6. REFERÊNCIAS

ALESSANDRINI, Lilian de Moraes; PAIM, Roberta Soldatelli Pagno; LUNELLI, Rosana Pinheiro. **Automedicação em acadêmicos de enfermagem: prevalência e fatores associados**. Revista Eletrônica da FAINOR, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 185-204, jan./abr., 2020. Disponível em: <http://srv02.fainor.com.br/revista237/index.php/memorias/article/view/1050>. Acesso em: 17 jun. 2020.

ALVES, Damião Romero Firmino et al. **Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem**. Rev Enferm UFPE on line, Recife, v. 13, n. 1, p. 363-70, fev., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/238096/31331>. Acesso em: 19 out. 2020

ARAÚJO, Amanda Luzia de et al. **Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura**. Rev. Bras. Farm., v. 96, n. 2, p.1178-1201, 2015. Disponível em: <http://rbfarma.org.br/files/699--Estudos-brasileiros-sobre-automedicacao--uma--analise-da-literatura---Formatado---Review-1178---1201.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOHOMOL, Elena; ANDRADE, Camila Moreira. **Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior**. Cienc. Cuid. Saúde, v. 19, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/48001>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BORGES, Ivo Aguiar Lopes. **Consulta de enfermagem, prescrição de medicamentos e solicitação de exames por enfermeiros na atenção básica à saúde**. Rev. Oficial do Conselho Federal de Enfermagem, v. 1, n. 1, p.5-8, 2010. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz. **Uso racional de medicamentos**. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/11634/1/25.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2020.

BRASIL. Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos Bio-Manguinhos. **Saiba quais são os riscos da automedicação**. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/noticias/1787-saiba-quais-sao-os-riscos-da-automedicacao>. Acesso em: 08 ago. de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Hospitais Universitários Federais. **Campanha alerta para o uso racional de medicamentos**. Disponível em: http://www2.ebserh.gov.br/web/hu-ufma/noticias/-/asset_publisher/s7KDTvaBNPtX/content/id/3094779/2018-05-campanha-alerta-para-o-uso-racional-de-medicamentos. Acesso: 08 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. **Automedicação**. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/dicas-em-saude/698-automedicacao>. Acesso em: 21 jun. de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Uso racional de medicamentos**. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/uso-racional-de-medicamentos>. Acesso em: 08 ago. 2020.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **Evolução do gasto com medicamentos do Sistema Único de Saúde no período de 2010 a 2016**. Disponível: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8250/1/TD_2356.pdf. Acesso em: 08 ago. 2020.

CHAER, Galdino; DINIZ Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigar/pesquisa_social.pdf. Acesso em: 27 ago. 2019.

CHAVES, AnnyCaroliny Tigre Almeida et al. **Perfil de automedicação entre estudantes de enfermagem**. Rev. Saúde.Com, Bahia, v. 13, n. 4, p. 1016-1021, 2017. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/3617>. Acesso em: 05 ago. 2019.

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. **Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional**. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 26, n. 2, p. 219-330, abr-jun, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222017000200319&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 ago. 2019.

DUARTE, Cynara; DIAS, Luana Duarte; ESPÍNDULA, Marislei Brasileiro. **Automedicação e suas correlações com a prática de enfermagem: uma revisão de literatura**. Revista Eletrônica de Enfermagem do Centro de Estudos de

Enfermagem e Nutrição, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.cpgls.pucgoias.edu.br/7mostra/Artigos/SAUDE%20E%20BIOLOGICAB/Automedica%C3%A7%C3%A3o%20e%20suas%20correla%C3%A7%C3%B5e%20com%20a%20pr%C3%A1tica%20de%20enfermagem.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

EHIGIATOR, Osarobo et al. **Self-Medication practices among dental, widwifery and nursing students**. European Journal of General Dentistry, v. 2 , n. 1, p.54-57, 2013. Disponível em: http://www.ejgd.org/temp/EurJGenDent2154-7447455_204114.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

GALVAN, Micheli Rita; PAI, Daiane Dal; GUANILO, Maria Elena Echevarría. **Automedicação entre profissionais da saúde**. Rev. Min. Enferm., Minas Gerais, v. 20, p. 959-968, 2016. Disponível em: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/1094>. Acesso em: 02 jan. 2020.

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. **Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil**. Rev. Gaúcha Enferm., v. 3, n. 1, p. 5111-5117, mar., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v38n1/0102-6933-rgenf-1983-144720170165111.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.

GOEL, Divya; GUPTA, Sanjay. Self-Medication Patterns Among Nursing students in North India. Eur J Gen Dent, v. 11, n. 4, p. 14-17, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Divya_Goel5/publication/271260380_SSelf-medication_patterns_among_nursing_students_in_North_India/links/58f08c21aca27289c21007d1/Self-medication-patterns-among-nursing-students-in-North-India.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

GUIDORENI, Cristiane Gorati; BITTENCOURT, Mariana Emilia da Silveira; PIRES, Naiara de Almeida. **Características do uso de fármacos sem prescrição por graduandos em enfermagem**. Cadernos UniFOA, v. 29 p.129-136, 2015. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/410>. Acesso em: 03 jan. 2020.

HOFFAMANN, Anatórcia Miranda Muniz et al. **Automedicação entre acadêmicos de enfermagem**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, Belo Horizonte, v. 9, p. 841-848, 2017. Disponível em: <https://www.acervosaude.com.br/doc/REAS71.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

JUNIOR, Assis do Carmo Pereira; FILHO, Paulo Celso Prado Telles; AZEVEDO, Danielle Sandra da Silva. **Automedicação: Consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem**. Revista Enfermagem UFPE On Line, v. 7, n. 3, p.4-5, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/jurau/Downloads/11689-27546-1-PB.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

KUMAR, Nithin et al. **Perceptions and practices of self-medication among medical students in coastal South India**. Plos One, v. 8, n. 1, p.722-47, 2013.

Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0072247>. Acesso em: 18 jul. 2020.

OLIVEIRA, Marcelo Antunes de et al. **Automedicação em idosos residentes em Campinas**. Cad. saúde pública, São Paulo, v.28, n.2, p. 335-345, 2012. Disponível em: [/dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2012000200012](https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000200012). Acesso em: 04 ago. 2019.

PEREIRA, Cláudio Maranhão; SANTOS Glenda Yasmine. **Automedicação entre acadêmicos de odontologia e enfermagem de uma instituição de ensino superior do Distrito Federal**. Rev. Ciências e Odontologia, v. 3, n. 2, p.61-67, 2019. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/RCO/article/view/827/635>. Acesso em: 15 jun. 2020.

RIBEIRO, Leticia dos Santos; OLIVEIRA, Camila Batista; SPOLIDORO, Fábio Veiga. **Automedicação entre estudantes e profissionais de enfermagem**. Revista Enfermagem em Evidência, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 15-27, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/handle/123456789/46>. Acesso em: 19 out. 2019.

SANTOS, Bruno; RAMOS, Ana; FONSECA, César. **Da formação à prática: Importância das Teorias do Autocuidado no Processo de Enfermagem para a melhoria dos cuidados**. Journal of Aging & Innovation, v. 6, n. 1, 2017. Disponível em: <http://journalofagingandinnovation.org/wp-content/uploads/6-Autocuidado-forma%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

SANTOS et al. **Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem**. J Health Sci Inst., São Paulo, v. 30, n. 2, p. 156-160, 2012. Disponível em: https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/02_abr-jun/V30_n2_2012_p156-160.pdf. Acesso em: 04 ago. 2019.

SILVA, Luciana Amaral de Faria; RODRIGUES, Andrea Macedo de Souza. **Automedicação entre estudantes de cursos da área da saúde**. Rev. Bras. Farm., v. 95, n. 3, p. 961-975, 2014. Disponível em: <http://rbfarma.org.br/files/697--Automedicao-entre-estudantes-de-cursos-da-area--de-saude.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. **Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-11, jan-abr, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v31n61a2017-p21a44>. Acesso em: 27 ago. 2019.

Apêndice 1**QUESTIONÁRIO**

1- Sexo

Feminino Masculino

2- Qual ano está cursando?

3° ano 4° ano 5° ano

3- Trabalha na área da saúde?

Sim Não

4- Você se automedica?

Sim Não

5- Se sente seguro quanto a isso?

Sim Não

6- Se sim, por quê?

Leio a bula

Trabalho na área da saúde

Possuo conhecimento através da graduação

O médico já me receitou outras vezes

Outros: _____

7- Qual classe farmacológica mais utilizada por você?

Analgésico

Antitérmico

Anti-inflamatório

Antialérgico

Antibiótico

Outros: _____

Anexo 2

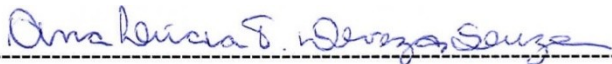
Carta de anuência

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Venho por meio deste solicitar autorização para realização da pesquisa: **“AUTOMEDICAÇÃO: A VISÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM”** sob minha responsabilidade, conforme folha de rosto para apresentação ao comitê de Ética em Pesquisa ao UniFOA da pesquisa. Os objetivos da pesquisa são analisar o discurso de acadêmicos de enfermagem quanto a automedicação, identificar se os acadêmicos de enfermagem que já trabalham na área da saúde praticam a automedicação e apontar qual a classe de medicamentos mais utilizada por acadêmicos de enfermagem.

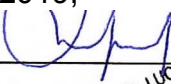
A coleta de dados será realizada através do questionário semidirigido com perguntas abertas, realizada pelas discentes Julyana Oliveira de Araujo, Marcella da Gloria Gama e Paula Bastos Silva Pereira.

Atenciosamente,



Ana Lúcia Torres Devezas Souza

De acordo em 02 /10/2019,



Lucrecia Helena Loureiro, Coordenadora do curso de Enfermagem do

niFOA

U

Anexo 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CoEPS/UniFOA

1- Identificação do responsável pela execução da pesquisa:

Título do Projeto: Automedicação: a visão de acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação

Coordenador do Projeto: Ana Lúcia Torres Devezas Souza. Telefones de contato do Coordenador do Projeto: (24) 33408400, ramal 8518. Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: UniFOA – Três Poços – Volta Redonda (RJ)

2- Informações ao participante ou responsável:

(a) Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivos: Analisar o discurso de acadêmicos de enfermagem quanto a automedicação, identificar se os acadêmicos de enfermagem já trabalham na área da saúde e apontar qual classe de medicamentos mais utilizada por acadêmicos de enfermagem.

b) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre sua participação nesta pesquisa.

(c) Você poderá recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

(d) A sua participação como voluntário não proporcionará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento sem prejuízo a V.Sa. No entanto, contribuirá para o campo científico e para a autoreflexão dos acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação.

(e) A sua participação não envolve riscos físicos.

(f) Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo um direito seu ter seu nome preservado;

(g) Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

(h) Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo.

A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Volta Redonda, _____ de _____ de 20____.

Participante: _____